

**O PARAÍSO TERRESTRE NO BRASIL:
Os Campos Gerais do Paraná no relato
de Auguste de Saint-Hilaire**

**Marco Aurélio Monteiro Pereira¹
Francine Iegelski²**

*A doçura do passado? O recordá-lo, porque recordá-lo
é torná-lo presente, e ele nem o é, nem o pode ser – o
absurdo, meu amor, o absurdo.*

Fernando Pessoa

O olhar e o discurso dos viajantes europeus sobre o Brasil foi um dos elementos basilares da constituição da própria identidade nacional e da construção das representações que alicerçam a visão que hoje se possui do que seja o caráter e o perfil social, cultural e geográfico brasileiro.

A viagem é um espaço de troca, de interconstituição de representações e olhares, e se dá no embate perceptivo e discursivo da alteridade, chamado por Mary Louise Pratt de transculturação³.

No Brasil, este espaço, definido por Pratt como “zona de contato”⁴ tem início já no próprio relato que constitui aquilo que é chamado de “descobrimento do Brasil”, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*.

O estranhamento e a falta de parâmetros a percepção da alteridade, aliados a uma visão etnográfica impressionista, são os elementos que se destacam deste e de uma longa série de relatos que são elaborados a

¹ Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

² Acadêmica da Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

³ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

⁴ *Idem*, p. 31-32.

partir de viagens pelos espaços que hoje constituem o território brasileiro e que definem as zonas de contato entre Europa e Brasil⁵.

A partir do final do século XVII, com o surgimento da História Natural como uma estrutura de conhecimento e a mudança gerada pela interiorização das viagens e o impulso à exploração pelo interior dos continentes em substituição às navegações colocam, do ponto de vista metropolitano, o surgimento daquilo que Pratt chama de “consciência planetária”⁶.

O viajante, agora não mais apenas que olha e narra, é o responsável por um inventário da natureza e da sociedade das regiões não-européias por onde passa. É ele o responsável pelo alargamento das zonas de contato e da geração de representações sobre a natureza, a sociedade e cultura destas regiões.

É evidente que este esforço não se deve apenas a uma consciência de missão científica ou a uma curiosidade, uma vontade de saber desvinculada de quais quer outros interesses.

As idéias missionárias e civilizatórias, basilares para a colonização e exploração das regiões não-européias do globo, ocultam as dinâmicas de expansão do capital, que se revela

com a consolidação de formas burguesas de subjetividade e poder, a inauguração de uma nova etapa territorial do capitalismo, marcada pela busca de matérias primas, a tentativa de expandir o comércio costeiro para o interior, os imperativos nacionais de se apoderar de territórios ultramarinos, assim evitando que outras potências européias os ocupem.⁷

O missionário, o cientista, o comerciante e o político agem de forma articulada na construção de representações e ações que culminam no processo expansionista europeu sobre a Ásia, a África e as Américas no século XIX conhecido como “imperialismo”⁸.

⁵ Além de Caminha, podem ser destacados, dentre outros, os relatos de Staden, Nóbrega, Anchieta, Léry, Thevet, Gandavo, Cabeza de Vaca e Gabriel Soares de Souza.

⁶ PRATT, 1999, capítulo 2, p. 41-76.

⁷ *Idem*, p. 35.

⁸ Para definir *imperialismo* optei pela síntese realizada por WEEKS, John. Imperialismo e mercado mundial. In BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 187-190.

No tocante aos viajantes, parte fundamental desse processo expansionista⁹, os seus discursos, quer sentimentais, quer científicos, se localizam numa dimensão que Roland Barthes chamou de “mítica”¹⁰.

Para Barthes,

O mito possui um caráter imperativo, interpelatório: tendo surgido de um conceito histórico, vindo diretamente da contingência, é a mim que ele se dirige: está voltado para mim, impõe-me a sua força intencional; obriga-me a acolher a sua ambigüidade expansiva.¹¹

O discurso mítico para Barthes é um processo semiológico de “roubo e restituição”, onde a realidade é capturada, reelaborada e restituída com foros de verdade, uma “verdade melhorada”.

Este processo de constituição do mito não é dialógico, é impositivo, e parte de um lugar de verdade como espaço de construção de representações discursivas que se impõem sobre os seus objetos como mais verdadeiras, portanto mais reais, que a própria natureza essencial destes objetos.

À superfície da linguagem, algo se imobiliza: o uso da significação está escondido sob o fato, dando-lhe um ar notificador; mas, simultaneamente, o fato paralisa a intenção, impõe-lhe como que uma inconfortável imobilidade: para a inocentar, gela-a. É que o mito é uma fala roubada e restituída, simplesmente a fala que se restitui não é a mesma que foi roubada: trazida de volta, não foi colocada em seu lugar exato. É esse breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transido da fala mítica.¹²

Assim, o discurso mítico é um enunciador impositivo de verdades, um construtor de realidades que se localizam não apenas em espaços conceituais, mas também na definição de espaços naturais, culturais e sociais.

⁹ Podem ser destacados, nessa linha, além dos relatos de Saint-Hilaire, os de Langsdorff, Sellow, do Príncipe de Wied Neuwied, Spix, Martius, Schott, Raddi, Pohl, Burchell, Gardner, Lund, Warming, Regnell, Huber, Dusén, Luetzelburg, Schlechter, Massart, Bouillénne, Wettstein, Loegfren, Schenck, Usteri, Noack, Brade, Rawitscher, Schubart, Silberschmidt e Maria Graham, dentre uma diversidade enorme de relatos de impressões de viagem e de expedições científicas no Brasil nos séculos XIX e XX.

¹⁰ BARTHES, Roland. O mito hoje. In _____. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1985, p. 129-178.

¹¹ *Idem*, p. 145.

¹² *Idem*, p. 146-147.

Todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema factual, quando é apenas um sistema semiológico.¹³

É nesse contexto que se inserem os relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire sobre o Brasil.

Saint-Hilaire viaja e descreve várias províncias, distritos e comarcas do reinado português. O autor passa pelas províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Província Cisplatina e Paraguai, pela comarca de Curitiba, pelas nascentes do Rio São Francisco, o Rio Doce, o distrito dos Diamantes e litoral do Brasil¹⁴.

Seu olhar está atento principalmente para a natureza e para a história e a organização humana, dentro dos mais variados espaços. Estes espaços estão destacados e ao mesmo tempo se mesclam no transcórre da narrativa. O homem, a mulher, a cultura, o trabalho, a sociedade, a paisagem, o relevo, a fauna e a flora compõem a reprodução da imagem que o viajante faz dos lugares por onde passa.

A representação da realidade é seletiva. O autor escolhe os fragmentos da realidade que experimenta e transporta esta realidade para a narrativa, transformando seu significado, criando coerências, incoerências, similitudes e atitudes para as personagens e lugares que descreve e articulando sobre estas convergências e rupturas, próprias da intercontextualidade transcultural, um discurso ordenado e lógico de representação de lugares e pessoas, de cultura e sociedade. Um discurso lógico, porém mítico, no sentido barthesiano.

Saint-Hilaire escreve principalmente para o leitor europeu. Trabalha, em inúmeros trechos de suas narrativas, com noções comparativas como “o nosso” (europeu) e o “deles” (brasileiro). O que é “deles”, nos relatos de Saint-Hilaire, é atrasado e não-civilizado por não possuir o vigor e a competência do europeu e por utilizar outros meios para garantir a sobrevivência, se relacionar, construir valores, viver quotidianamente.

O olhar de Saint-Hilaire é construído e limitado pela mentalidade e pela racionalidade cientificista (não se deve esquecer que Saint-Hilaire

¹³ *Idem*, p. 152.

¹⁴ Um bom apanhado bio-bibliográfico de Saint-Hilaire está em LIMA, Maria Emília Amarante Torres. **As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

é um naturalista) e interpretação de mundo européia no início do século XIX.

O olhar sobre e a descrição do outro não são construídos a partir da especificidade da outra cultura, a cultura brasileira, interpretada a partir de si mesma, dos seus próprios signos e significados. São, sim, elaborados a partir dos valores, da lógica e da visão de mundo européia do autor.

Esta impossibilidade dialógica e a conseqüente mitificação do relato pretende se impor como verdadeira e a assim ser assimilada, tanto por europeus, quanto, num processo de transculturação, que elabora um discurso mítico de segundo nível, pelos próprios brasileiros, que se utilizam destes relatos como elementos fundantes das idéias de nação e identidade nacional¹⁵.

Quando Saint-Hilaire faz a descrição dos significados e dos valores da cultura do outro, o que ele representa e espelha são os valores e significados sociais de sua própria cultura. Os elementos selecionados para compor a narrativa são aqueles que melhor o autor consegue encaixar e demonstrar dentro de sua concepção de mundo.

A comparação entre as paisagens, as cores, as flores, a comida, as mulheres, o trabalho e a técnica, tendo a visão européia como lugar de verdade e o julgamento das dimensões naturais e culturais encontradas no Brasil feito a partir desta comparação estão presentes em todas as narrativas de Saint-Hilaire sobre o Brasil

No universo destes relatos de viagem, destaca-se sua passagem, em 1822, pela Comarca de Curitiba e, nesta, pela Região dos Campos Gerais do Paraná. No livro *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*¹⁶, o autor dedicou quatro capítulos para fazer a caracterização dos Campos Gerais. Saint-Hilaire delimita a região dos Campos Gerais entre a margem esquerda do Itararé e uma região a pouca distância do Registro de Curitiba.

¹⁵ Ver PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba: UFPR, 1996.

¹⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Reis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1978. Também foi utilizada neste trabalho a edição parcial, referente ao trecho paranaense da viagem, feita pela Fundação Cultural de Curitiba: SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Tradução de Cassiana Lacerda Carollo. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995. Salvo quando explicitado, será utilizada para citações a edição Itatiaia/USP de 1978.

Para o autor, é um lugar de natureza deslumbrante, até por sua similitude com os campos da região de Beauce, na França, de onde Saint-Hilaire era originário:

Esses campos constituem inegavelmente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América; suas terras são menos planas e não se tornam tão monótonas como as nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas de maneira a limitarem o horizonte. Até onde a vista pode alcançar, descortinam-se extensas paisagens; pequenos capões onde sobressai a valiosa e imponente araucária surgem aqui e ali nas baixadas, o tom carregado de suas folhagens contrastando com o verde claro e viçoso do capinzal. De vez em quando apontam rochas nas encostas dos morros, de onde se despeja uma cortina de água que se vai perder no fundo dos vales; uma numerosa quantidade de éguas e bois pastam pelos campos e dão vida à paisagem, vêem-se poucas casas, mas todas bem cuidadas, com pomares plantados de macieiras e pessegueiros. O céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais à fragilidade da nossa vista.¹⁷

A natureza da região tem sua síntese no pinheiro do Paraná, que Saint-Hilaire chama de acordo com a classificação feita por Bertolini, de *Araucaria brasiliensis* (o pinheiro do Paraná foi classificado como *Araucaria angustifolia* por Otto Kunze apenas em 1898)¹⁸.

O pinheiro do Paraná é, para Saint-Hilaire, a planta que caracteriza a região, não apenas por seu aspecto e intensidade de incidência na paisagem, mas pela importância de sua madeira e do fruto, o pinhão, para os habitantes dos Campos Gerais.

A araucária não apenas enfeita os Campos Gerais como é também extremamente útil aos seus habitantes; sua madeira branca, cortada por uns poucos veios cor de vinho, é empregada em carpintaria e marcenaria (...). Suas sementes, que são compridas, medindo aproximadamente metade de um dedo, não são na verdade farinhentas como a castanha, mas lembram o sabor desse fruto, sendo mesmo ainda mais delicadas do que ele. (...) Ainda hoje os habitantes dos Campos Gerais comem sementes da araucária e as empregam com sucesso para engordar os porcos. Sabedores da enorme utilidade dessa árvore, eles a respeitam e não a aba-

¹⁷ SAINT-HILAIRE, 1978, p. 15-16.

¹⁸ SAINT-HILAIRE, 1995, p. 12-13, nota 6.

tem a não ser em caso de necessidade, o que constitui um caso único em todo o Brasil, que menciono aqui com prazer.¹⁹

Embora o pinheiro do Paraná ainda seja, pelo menos campo simbólico, de extrema importância para os Campos Gerais, Saint-Hilaire teria seu prazer com a preservação das araucárias sensivelmente diminuído se tivesse a oportunidade de ter conhecimento do surto madeireiro que assolou a região no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, que colocou o pinheiro do Paraná, apesar de sua enorme utilidade social, inclusive em risco de extinção²⁰.

Mas a natureza dos Campos Gerais tem sua exuberância significada por outros elementos além do pinheiro do Paraná:

Os bosques de araucária não são os únicos ornamentos da região; numerosos rios e riachos ajudam a embelezá-la, além de proporcionar-lhe frescura e fertilidade.²¹

Nos rios e riachos, de leitos de pedras lisas e águas límpidas, haviam também depósitos diamantíferos, o que era na época uma das riquezas dos Campos Gerais²².

Fechando a abordagem genérica da natureza nos Campos Gerais, Saint-Hilaire faz uma descrição bastante positiva do clima e hidrografia da região, certamente definida por sua semelhança ao clima temperado europeu:

De qualquer maneira, não será errado supor, pelo que eu já disse até agora, que os Campos Gerais sejam uma região extremamente salubre. Embora o inverno seja rigoroso, pode-se afirmar que o clima é temperado; há ventos freqüentes e o ar circula livremente por toda a região; suas águas, embora inferiores às da parte oriental de Minas Gerais, são ainda assim bastante boas. Não existem brejos em nenhum lugar, praticamente, e os rios correm celeremente, como já disse acima, por leitos de pedra.²³

A população da região também é objeto de interesse específico do naturalista francês. À positividade de sua visão sobre o ambiente natural dos Campos Gerais, Saint-Hilaire vê em sua população características

¹⁹ SAINT-HILAIRE, 1978, p. 16-17.

²⁰ SAINT-HILAIRE, 1995, p.14-15, nota 11.

²¹ SAINT-HILAIRE, 1978, p. 17.

²² *Idem*, p. 17.

²³ *Ibidem*.

que a diferenciam, para melhor, da população de outros lugares do Brasil visitados pelo viajante.

Será um erro supor que a maioria dos habitantes dos Campos Gerais seja composta de mestiços. Há ali um número infinitamente maior de brancos puros do que nos distritos de Itapeva e Itapetininga, e à época de minha viagem quase todos os operários da cidade de Castro pertenciam à nossa raça. Não é, pois, de admirar que habitantes dos Campos Gerais, apesar de sua profunda ignorância, falem um português muito mais correto do que os que habitam os arredores da cidade de São Paulo; eles não pronunciam, por exemplo, o *ch* como se fosse *ts*, nem o *g* como *dz*. Essas modificações foram introduzidas pelos índios na língua portuguesa, e os colonos dos distritos de Castro e de Curitiba pouco contato têm com os indígenas.²⁴

Quando o autor confronta os habitantes dos arredores de São Paulo e dos Campos Gerais, leva em conta, principalmente, a raça e a qualidade intrínseca que predomina na raça destes homens.

Aqueles que apresentam características mais semelhantes com a nossa raça, apesar de uma *profunda ignorância*, falam o português melhor que os habitantes dos arredores de São Paulo, pois os moradores dos Campos Gerais não têm tanto contato com o indígena.

O índio é aqui o elemento pernicioso, pois o contato com ele degenera o homem europeu e sua língua. Saint-Hilaire percebe as diferenças culturais entre os moradores de cada região, entretanto classifica estas diferenças em hierarquias através dos parâmetros que ele chama de “nossa cultura”, que é por excelência a mais civilizada, a mais culta, a que pertence aos homens que têm as atitudes os e hábitos mais bem proporcionados.

Como os Campos Gerais é uma região povoada predominantemente por homens brancos, a constituição de seu espaço, sua imagem, suas plantações, seu solo e todos os elementos que compõe sua paisagem se tornam “o paraíso terrestre do Brasil”. Os Campos Gerais são, para Saint-Hilaire, o lugar onde o europeu melhor consegue se adaptar no império português americano.

Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual

²⁴ *Idem*, p.18.

poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia. Assim como os habitantes do lugar, eles poderão criar gado; recolherão o seu estrume para fertilizar as terras, e com o leite, tão cremoso quanto o das regiões montanhosas da França, poderão fazer manteiga e queijo, que encontrarão fácil mercado nas partes mais setentrionais do Brasil. Como teria sido vantajoso para esta região, por exemplo, se, ao invés de ter sido mandada para Cantagalo, a colônia Suíça se tivesse estabelecido na parte dos Campos Gerais vizinha das terras habitadas pelos índios selvagens. Pelo seu número, eles teriam intimidado os indígenas e posto a região a salvo de suas devastações; teriam ensinado aos antigos habitantes do lugar os métodos europeus de agricultura, que certamente são aplicáveis a essa região e, segundo tudo parece indicar, dificilmente se ajustarão às terras vizinhas ao Rio de Janeiro. Felizes em sua nova pátria, cujo aspecto lhes teria lembrado, em certos pontos, a sua terra natal, eles teriam descrito o Brasil para os seus compatriotas com as mais belas cores, e essa parte do império teria adquirido uma população ativa e vigorosa.²⁵

O europeu tinha o papel, dentro da lógica da política de imigração do séc. XIX, do elemento regenerador para as populações nativas que viviam no Brasil. Através do seu trabalho, de sua cultura e das suas técnicas, o colono europeu ajudaria o país a se desenvolver economicamente, tirando a população de sua primitiva ignorância.

Além do papel regenerador, o europeu poderia também pôr a população *a salvo das devastações dos índios selvagens* que habitavam os Campos Gerais. O índio era considerado selvagem, pois não se deixava civilizar, não aceitava facilmente o contato com os outros habitantes da região, que foram se instalando em seus antigos territórios, abrindo plantações nos campos, criando gado, devastando as matas que sempre foram o seu lugar de habitação.

O índio foi acuado para regiões cada vez menores e mais remotas. Muitas vezes os Coroados matavam o gado, derrubavam cercas, saqueavam as fazendas como meio de conseguir alimentos e mostrar a resistência à servidão que muitos fazendeiros ainda insistiam em impor a suas tribos. Os ataques e lutas entre os índios e os paulistas eram constantes. Os capangas paulistas e agricultores da região eram contratados pelos coronéis dos Campos Gerais para escravizar os Coroados nos trabalhos das fazendas ou exterminá-los se resistissem.

²⁵ *Idem*, p. 27.

Essas verdadeiras caçadas ao indígena eram financiadas também pelo governo imperial, a fim de defender as grandes propriedades e garantir que as terras não fossem (re)tomadas pelos selvagens.

O coronel Luciano Carneiro era depositário da pólvora e do chumbo que o governo enviava aos Campos Gerais para que seus habitantes se pudessem defender dos bugres e dos selvagens. No dia em que os oito paulistas recém-chegados deviam pôr-se em marcha, o coronel distribuiu entre eles uma certa quantidade de munição de guerra; deu a cada um uma ração de carne, de farinha e de sal para três dias, e eles partiram. Alguns deles entraram, antes, no oratório do coronel, abriram o nicho onde estava guardada a imagem da Virgem, ajoelharam-se diante dela e oraram por alguns instantes.²⁶

O índio, além de selvagem, era perverso. Sua perversidade legitimava as ações violentas do governo, dos coronéis e de seus empregados. No texto destacado acima, a revolta contra o índio era uma revolta contra a morte e as devastações feitas pelas tribos dos Coroados, que habitavam próximos às estradas da região.

Saint-Hilaire trata o ataque às tribos e aldeias indígenas como meio de defender o homem civilizado e punir o selvagem por sua perversidade. A reza à Virgem, antes de sair para a guerra contra o índio é uma forma de pedir proteção divina e ser depositário da vontade e da guarda de Deus na missão de civilizar ou exterminar o indígena.

A guerra era santa, pois os índios estavam afastados de Deus. Cabia aos homens civilizados, através da catequese, ou da pólvora e do chumbo, afastá-los do caminho da perversidade. No caminho entre a fazenda Boa Vista e o Porto de Jaguariaíba, Saint-Hilaire encontra uma cruz que simbolizava o conflito entre os índios e proprietários de terras nos Campos Gerais.

A duas léguas de Boa Vista passei por uma cruz. Tinha sido fincada na beira do caminho, não muito longe do local onde algumas pessoas haviam sido mortas pelos índios selvagens; e se a sua vista poderia fazer nascer um certo temor no camponês e no viajante, por outro lado despertava neles um sentimento de misericórdia e da necessidade de perdoar.²⁷

²⁶ *Idem*, p. 36

²⁷ *Idem*, p. 33.

A necessidade de perdoar o índio vinha da possibilidade da sua regeneração. Saint-Hilaire evidencia que os Coroados são superiores em inteligência, engenhosidade e previdência a muitos outros povos indígenas e possivelmente seriam também superiores em forma física²⁸.

O autor aponta outras saídas ao invés da escravidão e do extermínio das tribos indígenas:

Devia ser feito todo o possível para aproximá-los [o índio Coroado] dos homens de nossa raça e estimular os casamentos entre eles e os paulistas pobres, que não se devem envergonhar do sangue indígena, pois há muito tempo esse sangue corre em suas veias. Convém deixar bem claro, entretanto, que seria bem mais fácil fazer esses esforços em prol dos Coroados do que exterminá-los ou reduzi-los à escravidão.²⁹

O casamento com o paulista pobre é mais natural, pois como o próprio autor diz, o sangue índio já corre muito tempo em suas veias. O pobre pode ser mestiço, mas melhor é ser pobre mestiço do que índio e selvagem. Essa lógica de argumentação demonstra os valores das hierarquias sociais e do papel que os personagens desenvolvem nas realidades experimentadas e representadas. O mestiço no Brasil não é necessariamente pobre, mas, se for mestiço e rico, deixa de ser mestiço e entra para o espaço social dos brancos.

Saint-Hilaire descreve as grandes propriedades por onde passa, descrevendo a agricultura e a criação de animais. Trata das técnicas de preparo do solo, da queimada e do pousio, utilizadas para quase todas as culturas, com exceção do trigo, que era semeado com o arado.

Para ele, a fisionomia dos Campos Gerais era decididamente definida pela atividade pecuária. A agricultura servia basicamente para garantir as necessidades imediatas dos fazendeiros, mas era a criação de animais, principalmente o gado, o trabalho mais importante economicamente e socialmente para grande parte da população.

Todos os fazendeiros do Campos Gerais se dedicam à criação de gado e só cultivam a terra para suprir as suas próprias necessidades, não exportando nenhum dos seus produtos (1820). Não obstante a região é propícia a todo tipo de cultura, e seus produtos principais são o milho, o trigo, o arroz, o feijão, o fumo e o algodão.³⁰

²⁸ *Idem*, p. 44.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Idem*, p. 23.

O trabalho com o gado é representado como um divertimento, quase que com uma dimensão lúdica, tanto ou mais que laboral, numa atividade, a lida campeira, que molda o perfil e a identidade do homem dos Campos Gerais.

O clima temperado dos Campos Gerais pareceria de molde a estimular os homens ao trabalho; mas o gênero de ocupação que a própria natureza da região os forçou, por assim dizer, a adotar incutiu-lhes o hábito da preguiça. A criação de gado exige poucos cuidados, e os que se dedicam a ela só trabalham em determinadas épocas. Além do mais, esse tipo de trabalho chega a ser quase um divertimento. Galopar pelas vastas campinas, atirar o laço, arrebanhar o gado e leva-lo para um local determinado constituem para os jovens atividades que tornam detestável qualquer trabalho sedentário; e nos momentos em que não estão montados a cavalo, perseguindo as vacas e touros, eles geralmente descansam.³¹

A lida campeira e o trato do gado são destacados como elementos basilares na produção da vida material dos habitantes dos Campos Gerais e como o alicerce da economia da região. Esta lida não se resumia à pecuária bovina extensiva, mas também à criação de cavalos e carneiros, além da invernagem das tropas que vinham de Viamão, no Rio Grande do Sul para Sorocaba, em São Paulo.

Para ele, esta centralização da atividade econômica na pecuária e invernagem de gado eram devida à natureza própria e específica da região dos Campos Gerais.

Desnecessário é repetir que são imensas pastagens dos Campos Gerais que constituem a principal fonte de riqueza da região. Os pastos são de excelente qualidade e, exceção feita dos meses em que cai a geada, eles conservam um verdor semelhante ao dos campos europeus na primavera, mas não se cobrem de tantas flores como os nossos. Quando novo, o capim que os forra é extremamente tenro, sendo chamado de capim-mimoso.³²

A lida campeira é descrita minuciosamente por Saint-Hilaire, que não consegue dissimular seu espanto e admiração pela introjeção das técnicas e procedimentos do trato do gado na vida cotidiana dos habitantes da região³³.

³¹ *Idem*, p. 18-19.

³² *Idem*, p. 22.

³³ *Idem*, p. 19-23.

A lida tinha, além de sua face econômica, uma dimensão social e cultural. Isto fica patente quando Saint-Hilaire descreve, em sua passagem pela fazenda Morangava, os rodeios e a castração de touros, que correspondia a uma das atividades mais esperadas do ano pelos moradores da fazenda e pelos habitantes circunvizinhos.

Os rodeios são assim descritos pelo viajante:

Na época em que nascem os bezerros, é necessário examiná-los para exterminar os vermes que se criam na cicatriz umbilical. Os vaqueiros, a cavalo, percorrem os pastos e cercam determinados trechos, que inspecionam minuciosamente, procurando os bezerros em lugares isolados e escondidos, onde as vacas costumam parir. Vão-se aproximando pouco a pouco, apertando o cerco, e dessa maneira conduzem o rebanho para um local pré-determinado. Ali eles examinam os bezerros e encaminham para a fazenda os que precisam ser tratado, tendo o cuidado de deixar que mãe vá junto.³⁴

Da mesma forma, Saint-Hilaire descreve os processos de castração:

Marca-se o gado com a idade de dois anos, e os touros são castrados aos quatro; depois de engordados durante um ano, eles são vendidos. Na castração, muitos fazendeiros retiram inteiramente os testículos dos touros, outros chegam ao mesmo resultado por meio de uma operação diferente. Vou descrever a que vi ser posta em prática na Fazenda de Morangava, de que falarei adiante. Os touros tinham sido levados para dentro do curral. Um vaqueiro atirava o laço e prendia um dos animais pelos chifres, enquanto outro laçava pelas patas traseiras e um terceiro o agarrava pela cauda e o atirava ao chão. Uma vez no chão, o touro deitado sobre um dos flancos, sua cauda era passada por baixo de uma de suas coxas e suas patas traseiras amarradas, sendo a corda passada à volta dos seus chifres; dessa forma a cabeça do touro era forçada a se aproximar dos seus quartos traseiros, fazendo com que seus testículos se projetassem para fora, por entre as duas coxas. Por fim, logo acima deles amarrava-se ao escroto um pedaço de madeira de uns quatro pés de comprimento, que ficava apoiado no chão. Terminados esses preparativos, um dos vaqueiros munia-se de um porrete e dava violentas pancadas na parte do escroto presa à tábua, esmagando assim os canais espermáticos. Terminada a operação, o animal era desamarrado e levado para junto dos outros. Os criadores que preferem esse processo

³⁴ *Idem*, p. 21.

em lugar da ablação dos testículos alegam que este último método causa feridas que atraem vermes e demoram a cicatrizar. Alguns touros soltavam berros medonhos durante a castração, mas a maioria suportava essa dolorosa operação com espantosa tranqüilidade. Asseguram-me que após esse tipo de castração os testículos vão diminuindo pouco a pouco de volume, acabando por se atrofiar completamente.³⁵

Em sua passagem pela Fazenda Morangava, Saint-Hilaire assim descreve a castração dos touros:

Na véspera tinha sido feito o rodeio, no momento que chegamos, os vaqueiros, o fazendeiro e os seus vizinhos também chegavam a cavalo, tangendo os touros que tinham sido arrebanhados; galopavam ora à direita, ora à esquerda, para impedir que os animais se desgarrassem. Os touros foram encerrados no curral, e no dia seguinte começou a castração, praticada da maneira que já descrevi acima. Os que participavam da operação ficavam dentro do curral, e os curiosos, principalmente as mulheres e as crianças, que eram numerosas, assistiam a tudo do lado de fora, trepados na cerca do curral.³⁶

Os rodeios e as castrações faziam parte do cotidiano e sua realização estava arraigada no imaginário laboral e lúdico da população que vivia nos Campos Gerais, espaço habitado por homens que trabalhavam, e por mulheres e crianças que assistiam ao trabalho, não apenas como lida, mas também como espetáculo.

Assim, rodeios e castrações, dentre outras formas de atividade campeira, afirmam para Saint-Hilaire a idéia do trabalho na lida campeira como forma de diversão. Os homens que trabalhavam no rodeio e na castração de animais ou montados nos cavalos para tocar o gado, faziam seu trabalho itinerante com contentamento, deixando de lado outros tipos de atividades, que poderiam lhes auferir mais lucro e trariam maior desenvolvimento econômico para a região.

É o exemplo do descaso pelas possibilidades econômicas pelo fabrico de queijos e manteiga, que eram produzidos em quantidades pequenas; o mesmo acontecia com o linho. Isto, para Saint-Hilaire, era motivado pelo amor à lida campeira e pela preguiça, que levavam à negação do trabalho sedentário.

³⁵ *Ibidem.*

³⁶ *Idem*, p. 32.

O laticínio desta região é muito bom e constitui o principal alimento dos pobres e dos escravos. Saboreei também uma excelente manteiga na casa do sargento-mor da cidade de Castro, mas se trata de uma guloseima que quase não se encontra em nenhum lugar. No entanto, se os habitantes dos Campos Gerais se quisessem dar ao trabalho de fabricá-la conseguiriam bons lucros com isso, pois a manteiga poderia ser enviada ao Porto de Paranaguá e de lá despachada para o Rio de Janeiro. Esse produto, comumente importado da Europa, é geralmente vendido ali por preços muito elevados (1820). Os queijos dos Campos Gerais não deixam nada a desejar se comparados aos de Minas, mas eles também são fabricados em quantidades muito pequenas. O trabalho sedentário de fábricas de laticínios jamais agradaria a homens que de um modo geral preferem os violentos exercícios a cavalo ou então o repouso absoluto.³⁷

Porém, mesmo nos Campos Gerais, o progresso era, sempre, decorrente de uma matriz européia, o que fica evidente no caso de sua análise da Fazenda Caxambu.

A minuciosa descrição da fazenda aponta a surpresa de Saint-Hilaire com o cuidado e o capricho do dono da internada.

O Sr. Xavier da Silva não devia ser um homem comum, pois, vencendo os inúmeros obstáculos que lhe haviam imposto a Natureza e os seus semelhantes, ele tinha formado no meio do sertão uma fazenda que teria sido considerada muito aprazível mesmo num país civilizado, tinha sabido ensinar e dirigir os seus empregados, devendo a si mesmo tudo o que havia feito, por assim dizer, pois não dispunha de nenhum modelo que pudesse seguir. Desnecessário é dizer que este fazendeiro era português. Os habitantes da região que acabei de descrever são indolentes, têm muito pouca disposição e muito pouca noção das coisas para fazerem uma obra semelhante. Os vizinhos de Xavier da Silva mandavam buscar frutas no seu pomar, quando queriam agradar algum hóspede, e nenhum deles jamais procurava imitar o que o fazendeiro português tinha feito.³⁸

A diferença e, até poder-se-ia dizer, a dicotomia na relação com a terra, entre europeus e nacionais brasileiros fica patente no texto acima.

Para Saint-Hilaire, no Brasil os homens eram rudes e rústicos, faltavam-lhes bons modos, bom gosto e instrução para viver uma vida civilizada. Assim, a fazenda mais bem cuidada, considerada um “lugar apra-

³⁷ *Idem*, p. 20.

³⁸ *Idem*, p. 39.

zível até mesmo num país civilizado”, não era por acaso de propriedade de um português.

O natural do Campos Gerais, brasileiro, já nasceria com a inclinação à indolência, preferem pedir a plantar, descansar ou divertir-se ao invés de trabalhar, viver na ignorância a cultivar o amor aos livros ou a leitura. Mas, assim, mesmo, o viajante vê na população da região qualidades que a destacam em relação restante do Brasil. Havia nos habitantes dos Campos Gerais, embora para ele ainda em estado bruto, não lapidado pela civilização e pela cultura burguesa, características que o destacavam do restante da população das regiões por ele visitadas no Brasil.

Isso é evidente na descrição reiterada que faz da delicadeza, desenvoltura e agradabilidade dos hábitos e do biótipo das mulheres da região:

Para o viajante, mesmo com esta rudeza e ignorância os habitantes dos Campos Gerais possuem excelentes qualidades, principalmente as mulheres. Amáveis e carinhosas, elas não são tímidas e arredias ao contato com os estranhos como as mulheres de Minas Gerais, que não se apresentam sozinhas diante de um homem nem conversam com eles. As mulheres dos Campos Gerais, estritamente aquelas que são as esposas, filhas ou parentes dos grandes fazendeiros, são bonitas e sabem tornar uma conversa agradável.

As mulheres são geralmente muito bonitas, têm a pele rosada e uma delicadeza de traços que eu ainda não tinha encontrado em nenhuma brasileira. É bem verdade que não se nota nelas a vivacidade que caracteriza as francesas; elas caminham vagarosamente e seus movimentos são lentos; não mostram, entretanto, o constrangimento tão comum nas mulheres de Minas Gerais quando por acaso se defrontam com estranhos (1816-22). É raro que a dama dos Campos Gerais se escondam à aproximação dos homens, elas recebem os seus hóspedes com uma cortesia simples e graciosa, são amáveis e, embora destituídas da mais rudimentar instrução, sabem tornar cheia de encantos a sua conversa.³⁹

As outras mulheres que Saint-Hilaire descreve com mais cuidado são as mulheres da fazenda Carambeí. Uma era a dona da fazenda e a outra era mulher do fazendeiro que havia dado a carta de recomendação para o viajante. Ambas as mulheres eram muito educadas e tinham uma conversa agradável, muito diferente das negras e das prostitutas que o autor encontrava depois que saiu do Rio de Janeiro⁴⁰.

³⁹ *Idem*, p. 18.

⁴⁰ *Idem*, p. 58.

Além desta, ainda outra mulher foi citada pelo viajante com destaque: Dona Balbina, irmã do proprietário da fazenda Carambeí, e moradora na fazenda Carrapatos. O marido de Dona Balbina também estava ausente, mas, da mesma forma, esta acolheu Saint-Hilaire, “cumulando-o de gentilezas”. O autor faz a descrição dos trajes de Dona Balbina, que não diferiam em nada do das duas senhoras de Carambeí. Como estas, ela usava um vestido decotado, as pernas nuas e os cabelos arrepanhados por um pente. Todas as mulheres usavam também colares e brincos de diamantes⁴¹.

Saint-Hilaire também descreve as mulheres indígenas, capturadas pelos agregados dos fazendeiros nas suas caçadas aos índios para trabalhar em suas fazendas. Uma destas mulheres descritas estava na fazenda Fortaleza, e que, para Saint-Hilaire, apesar de ser índia, ainda assim tinha um aspecto mais bonito do que as índias das tribos das outras regiões do Brasil percorridas pelo viajante.

Vi em Fortaleza uma mulher e duas crianças da tribo dos Coroados, que haviam sido capturadas recentemente, e achei sua fisionomia bastante agradável. A mulher tinha a cabeça bem menor do que comumente têm as mulheres de outras tribos, e fazia muito melhor figura do que elas. Eu já tinha feito a mesma observação com referência à índia do Coronel Luciano Carneiro. Seria possível que únicas mulheres dos Coroados que tinha visto, aprisionadas em pontos diferentes e distantes um do outro, fossem todas as duas uma exceção? Não seria mais razoável acreditar que a maioria das mulheres dessa tribo fossem semelhantes a elas?⁴²

É evidente a surpresa e a admiração do viajante pelo porte físico e sinais exteriores de inteligência que os Coroados, notadamente suas mulheres, possuíam, e que os distinguiam das demais tribos indígenas contatadas por Saint-Hilaire em suas viagens pelo Brasil.

A única cidade com que Saint-Hilaire toma contato nos Campos Gerais é Castro, na época principal urbe da região. A impressão do autor do autor sobre a cidade é descrita, em seu aspecto paisagístico, de forma vívida pelo autor:

A cidade de Castro, situada a 95 léguas de São Paulo, ocupa o alto de um morro alongado, que se estende na direção norte-sul até o Rio Iapó, a que já me referi. A leste do morro o terreno é pouco elevado e apresenta apenas pastagens; todavia, uma fileira de araucárias que margeiam

⁴¹ *Idem*, p. 59.

⁴² *Idem*, p. 44.

um brejo emprestam variedade à paisagem. O lado do oeste é mais montanhoso e mais pitoresco, araucárias coroam o cimo dos morros que se elevam desse lado, vêem-se algumas casinhas espalhadas sob essas majestosas árvores e, mais abaixo, um vasto relvado que se estende até a cidade. O Rio Iapó serpenteia aos pés desta, por entre arbustos de cujos ramos pendem líquens esbranquiçados, semelhantes às barbas de um velho e que oscilam à mais ligeira brisa. Os mais comuns desses arbustos são o pau-de-sebo, Leguminosa cuja madeira é quase tão macia quanto a haste da *Agave vivipara*, a *Eugenia tenella*, Aug. S. Hil. Juss. Camb., cujos frutos são comestíveis e que é chamada vulgarmente de cambuí, e finalmente a *Escallonia vaccinoides*, Aug. S. Hil., que se faz notar por suas belas flores brancas.⁴³

Porém, a descrição da cidade em si é bem menos favorável do que a da paisagem. Saint-Hilaire se impressiona com estado de abandono da cidade e a falta de cuidados com a Igreja de Santo Amaro. Isto se explicava pelo fato de que boa parte dos habitantes da cidade havia sido recrutada para a construção do caminho de Guarapuava e outra considerável parcela fugira para os campos com medo do recrutamento compulsório para trabalhar nas obras do citado caminho. A noção européia de cidade, presente no pensamento do viajante, de forma alguma encontrava eco nas habitações humildes e precárias dos habitantes de Castro, comparáveis, para Saint-Hilaire, apenas às choças dos camponeses de Sologne.

A cidade de Castro se compunha, à época de minha viagem, de uma centena de casas que se enfileiravam ao longo de três ruas compridas. As casas eram muito pequenas e feitas com paus cruzados, parecendo bastante com as dos nossos camponeses de Sologne, com a diferença de que eram mais bem iluminadas, talvez, e razoavelmente mobiliadas. Depois das emigrações provocadas pela construção do caminho de Guarapuava, a maioria das habitações, como já tive ocasião de dizer, estava abandonada e em ruína

A igreja paroquial, dedicada a Santo Amaro, muito baixa e muito pequena, era desprovida de ornamentos e se achava em quase tão mal estado quanto as casas particulares. Depois que cheguei ao Brasil vi poucas igrejas tão mal cuidadas quanto essa. Fora iniciada a construção de duas outras, mas as obras haviam sido interrompidas.⁴⁴

A visão negativa da disposição urbana e do casario de Castro se estende, na visão de Saint-Hilaire, à composição de sua população. Em-

⁴³ *Idem*, p. 51-52.

⁴⁴ *Idem*, p. 52.

bora a cidade tivesse nascido e se desenvolvido ao longo e por causa do caminho das tropas, com todas as particularidades de um pouso de viajantes, inclusive na conformação de sua população (prostitutas, seleiros, etc.), o viajante busca nela fundamentos da urbe burguesa européia. A inexistência de educação formal escolar, um dos fundamentos da expansão da racionalidade burguesa, é surpreendente para Saint-Hilaire:

Em 1820, a instrução pública era absolutamente inexistente em Castro e em todo o seu distrito.

(...)

Três ou quatro comerciantes, prostitutas e alguns artesãos constituíam praticamente toda a população de Castro. Dentre os últimos, os mais numerosos eram os seleiros, o que não é de admirar numa região em que os homens passam a maior parte do tempo em cima de uma cavalo.

(...)

No Distrito de Castro o número de pessoas verdadeiramente brancas é muito maior do que nos distritos de Itapeva e Itapetininga. Em 1820, a população da cidade se compunha de 5.000 indivíduos, incluindo-se 500 escravos, mas tinha sido muito maior antes que o Coronel Diego tivesse forçado, por assim dizer, devido à sua grande severidade, um grande número de pessoas a deixar a região.⁴⁵

Castro, este pouso de tropeiros que cresce e se transforma em aldeia, vila e cidade, tem uma economia voltada, além da pecuária, para a subsistência e para o fornecimento de gêneros alimentícios e serviços aos condutores de tropas que por ali passavam. A pecuária é a maior atividade econômica (Castro é o maior criatório de animais da Província de São Paulo), estando a extração de erva-mate num patamar inferior. O restante da produção é de gêneros de subsistência ou de suprimentos para as tropas (arroz, feijão, milho, fumo).

Os arredores da cidade de Castro produzem milho, feijão, arroz e trigo, com o qual é fabricado um pão branco e muito saboroso; mas os habitantes das terras vizinhas se dedicam menos à agricultura do que à criação de bois e cavalos, e nos cuidados pouco variados que exigem esses animais se concentram todos os pensamentos dos camponeses.

Ignoro quais foram os dados relativos aos produtos do termo de Castro durante o ano anterior ao da minha viagem; mas os quadros estatísticos de Pedro Müller nos indicam que me 1838 foram colhidos neste termo 1.080 alqueires de arroz, 6.691 de feijão, 181.631 de milho, 318 arrobas de fumo, 200 arrobas de algodão, 3.455 arrobas de mate, tendo sido cri-

⁴⁵ *Idem*, p. 52-53.

ados 3.751 cavalos, 485 burros, 12.662 bois e 1.103 ovelhas. Nenhum dos distritos da Província de São Paulo forneceu, nesse mesmo ano, um número tão grande de cavalos, bois, burros e carneiros quanto o de Castro.⁴⁶

Enquanto permaneceu na cidade de Castro, Saint-Hilaire foi hóspede do Sargento-mór José Carneiro. O viajante descreve bem o perfil da “elite campeira” da época e do homem dos Campos Gerais na pessoa de seu hospedeiro. Os modos introvertidos e ressabiados, passíveis de ser vistos como frieza e distanciamento, mas que posteriormente se traduzem em gentileza e deferência, são típicos de uma população que habita em locais de passagem, como Castro era de trânsito de tropas. O contato cotidiano com pessoas sem vínculos permanentes e, portanto, sem compromissos ou responsabilidades com a vida e as demandas locais, levava as pessoas de Castro, bem como as de outras cidades “de passagem”, a uma desconfiança instintiva que se traduzia em introversão e frieza para com os visitantes. Esta postura, porém, se modificava à medida que o conhecimento entre as pessoas se estreitava.

Ele me recebeu com certo constrangimento, que eu interpretei como frieza no princípio; mas não tardei a verificar que se tratava de um homem excelente, e não tenho palavras para louvar as gentilezas com que ele me cumulou durante minha estadia em Castro. Ele não só fez questão que eu fizesse as refeições em sua casa, como também resolveu, em três ocasiões diferentes, oferecer-me uma pequena festa.⁴⁷

A descrição da casa do Sargento-mór José Carneiro dá uma idéia bem acurada sobre a rusticidade do padrão das habitações da elite urbana dos Campos Gerais na década de 1820 em comparação com os padrões de habitação europeus tidos como padrão por Saint-Hilaire. A escassez e a rusticidade do mobiliário e dos acabamentos residenciais, davam ao domicílio do Sargento-mór, ares de “albergue de aldeia” e não de moradia de membros da elite local para o viajante.

Ele não contava na sua casa com móveis finos nem salas elegantes, não existia em Castro nada parecido com isso. Ele reuniu os músicos em sua modesta sala, que não tinha assoalho nem forro e só era comparável aos nossos mais modestos albergues de aldeia.⁴⁸

⁴⁶ *Idem*, p. 53-55.

⁴⁷ *Idem*, p. 55.

⁴⁸ *Ibidem*.

O Sargento-mór ofereceu três festas a Saint-Hilaire. Não são as descrições das festa em Castro, por si mesmas, que tornam a narrativa interessante; são os significados que as festas representaram para o viajante e a forma como este transportou esta significação, transformando-a em narrativa.

Saint-Hilaire fala dos músicos e de seus instrumentos como o violão e o cavaquinho, e das danças como o anu e a chula.

Entre os músicos que ouvi tocar na casa do sargento-mor havia um homem que dedilhava o violão com maestria sem conhecer uma única nota. Um outro manejava com grande habilidade um pequeno instrumento chamado “machete”, que não é outra coisa senão um cavaquinho, tocando-o em todas as posições imagináveis e sempre com grande talento. (...) O sargento-mor não se limitou a fornecer a música; cuidou para que também houvesse dança. Não foram permitidos os batuques por causa da quaresma, mas os convivas dançaram aos pares uma dança muito semelhante às antigas alemandas, e outras dançadas a quatro e denominadas, na região, de anu e chula, em que os dançarinos fazem uma espécie de sapateado, dobrando os joelhos, e que não deixam de ter o seu encanto. Os tocadores de violão também cantaram, mas não é esse o forte dos brasileiros, que vivem longe das grandes cidades e não têm oportunidade de aprender música regularmente. Algumas modinhas são sem dúvidas muito bonitas, mas de um modo geral nada é mais triste nem mais monótono do que as cantigas populares das províncias que percorri. A voz dos brasileiros é quase sempre afinada, mas o povo do interior, pertencente às classes subalternas, têm o hábito de sustentar a mesma nota durante vários minutos, à medida que a voz vai enfraquecendo, o que faz suas cantigas se assemelharem a cantos fúnebres. Foram apresentadas também na casa do Sargento-mor algumas farsas muito desagradáveis por sua indecência e grosseria. Finalmente, nos intervalos das danças, várias pessoas declamaram poesias bastante bonitas, e no entanto a reunião era composta apenas de artesãos e agricultores.⁴⁹

Apesar de representar a cultura artística em Castro como que destituída do valor técnico-formal que caracteriza a arte burguesa, Saint-Hilaire não deixa de se surpreender agradavelmente e de notar o extraordinário talento intuitivo dos músicos e poetas da cidade. Sua impressão sobre as representações teatrais, no entanto, é francamente desaprovadora, principalmente pela temática.

Porém, mesmo com a fruição cultural e a atenção prestimosa do sargento-mór, Saint-Hilaire não se agradou de sua estadia em Castro. As

⁴⁹ *Idem*, p. 55-56.

condições de sua moradia, a falta de empatia com a população, e problemas com o pessoal de sua expedição incomodaram muito o viajante.

Apesar das gentilezas do prestimoso sargento-mor e do seu empenho em me prestar todo tipo de serviço, minha estada em Castro foi pouco agradável. A casa onde eu me achava alojado, como a maioria das habitações da cidade, abrigava uma porção de gente extremamente desagradável, o que me causava muitos problemas e contrariedades. O índio Firmiano procurava desculpar suas escapadas com uma série de mentiras; além disso, faltou-me com o respeito diversas vezes, tentou fugir e me causou verdadeiro desgosto. (...) Como já tive ocasião de dizer em meus outros relatos, os brasileiros das classes baixas não dispõem de qualquer instrução moral e religiosa, e em vista disso raramente mostram possuir alguma virtude. Eles geralmente não tem família, tendo sido criados por mulheres de má fama, que lhes ensinaram todos os vícios. Vivem num permanente marasmo moral, do qual só saem durante alguma crise que termina sempre num crime (1816-1822). As prostitutas pululam nos mais ínfimos lugarejos, e é nas mãos delas que os camaradas deixam o fruto do seu trabalho. Por isso os donos das tropas de burros evitam cuidadosamente os povoados e procuram pernoitar em lugares isolados ou em ranchos distantes das vilas e arraiais. Quando não podem evitar os povoados, seus tropeiros escondem os burros a fim de poderem passar mais tempo em farras com as mulheres; além disso roubam os seus patrões e provocam desordens de todo tipo.⁵⁰

É inegável o choque do cientista aristocrata, criado em colégio de beneditinos e junto à nobreza rural francesa⁵¹, diante do espetáculo da vida cotidiana das classes baixas do início do século XIX, em uma região de passagem de tropas e de fronteira demográfica. Os valores básicos da ética burguesa e da etiqueta aristocrática, fundamentos da educação moral de Saint-Hilaire, se viram, aqui, diante de seu outro, ou seja, ética da sobrevivência e a etiqueta campeira dos habitantes das classes baixas dos Campos Gerais.

Porém essa visão negativa da população se aplica apenas àqueles deserdados da ordem social tradicional. Sua admiração pelo artesão que constrói as caixas que acondicionam sua coleção de espécies coletadas durante a viagem é evidente, sendo, é claro, afirmada pela origem européia do trabalhador.

⁵⁰ *Idem*, p. 56.

⁵¹ LIMA, 2002, p. 25.

Só tenho elogios a fazer aos artesãos que me serviram em Castro, principalmente o carpinteiro, que me foi muito útil tendo em vista as inúmeras precauções que era necessário tomar a fim de proteger dos insetos e da umidade as coleções que eu ia deixar para trás. Esse homem, de raça branca pura, sempre dizia com orgulho ser originário da França, e de fato ele se mostrava muito mais ativo do que o comum das pessoas do país.⁵²

Saindo de Castro, Saint-Hilaire percorre o caminho para Curitiba, passando pela fazenda Carambeí, origem do atual município com o mesmo nome, e pela fazenda de Pitangui, na região da atual cidade de Ponta Grossa. O viajante atravessa o rio Tibagi, passa pela fazenda dos Carrapatos, pela Santa Cruz, pela Freguesia Nova e por Caiacanga, e chegando, finalmente, ao Registro de Curitiba, “o posto fiscal, (que) ficava localizado na estrada do sul, a 3 léguas de Lapa, ou Vila do Príncipe, situada à entrada do sertão”⁵³.

São quase dois séculos que separam uma escrita, a do francês que descreve suas viagens pelo Brasil nas primeiras décadas do séc. XIX, de outra, a dos historiadores do início do séc. XXI, que fazem a análise das narrativas das viagens de Saint-Hilaire para reconstituir o universo simbólico e as lógicas de construção do pensamento do viajante através das representações que faz do homem e da natureza em seus textos.

Existem várias possibilidades de olhares sobre a obra de Saint-Hilaire, várias formas de apropriação do texto e dos significados que nele estão expressos. A necessidade de se redescobrir algo novo no passado é também marcada pela necessidade de entender algo de forma diferente no presente.

Por isso fazer a análise da narrativa na obra de Saint-Hilaire permite ao historiador o exercício de trabalhar com a diversidade de significados e informações para construir através delas as perguntas e as respostas do seu presente.

Essa análise possibilita, também o descortinar do choque, do conflito da alteridade entre o viajante, na transição da etnografia e da etnologia, e o incompreensível, e por isso mesmo fascinante, mundo da zona de fronteira da colonização européia na América do Sul. O paradoxo das desigualdades, que pode ser expresso, por exemplo, na veneração pela paisagem e na repulsa pelo estado dos caminhos; no deslumbramento com a criatividade artística e no horror pela natureza rústica ou ausência

⁵² SAINT-HILAIRE, 1978, p. 56.

⁵³ *Idem*, p. 57-62.

de padrões éticos e morais na população, é a tônica que permeia todo o relato do viajante e é o que, neste gênero de literatura possui o maior fascínio.

O olhar de Saint-Hilaire, mítico e enunciador de verdades definidas por padrões europeus para um espaço colonial americano, é, outrossim, apropriado por aqueles que são o seu objeto, e ressignificado numa segunda dimensão mítica, como um dos elementos fundantes na geração do conjunto de signos que constróem a mítica de origem tanto do país quanto da especificidade de suas regiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1985.
- BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LIMA, Maria Emília Amarante Torres. **As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba, Ed. da UFPR, 1996.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- SAINTE-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1978.
- _____. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Tradução de Cassiana Lacerda Carollo. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

RESUMO

O Paraíso Terrestre no Brasil: Os Campos Gerais do Paraná no Relato de Auguste de Saint-Hilaire

O artigo trata do olhar de Auguste de Saint-Hilaire, viajante francês, sobre os Campos Gerais do Paraná, durante sua passagem pela região em 1820. O trabalho tem seu eixo teórico na análise semiológica do discurso, conforme Roland Barthes. Este enfoque de análise é tematizado em alguns momentos específicos do olhar do viajante: a natureza; a produção da vida material, com ênfase na lida campeira, característica da região; e a dimensão cultural e social da região em seus diferentes aspectos (as cidades, os prédios, as pessoas, a arte, etc.). Os Campos Gerais do Paraná são privilegiados nesta proposta por terem, aos olhos de Saint-Hilaire, uma dimensão qualitativamente superior às demais regiões do Brasil visitadas pelo viajante, mesmo em seus instantes de maior estranheza e encantamento com a região. O contraponto entre o rigor e a neutralidade científica do botânico e o encantamento do homem diante do outro perpassam o todo do trabalho. Faz-se a análise de um discurso fundado no padrão de valores europeu como definidor de verdades absolutas e do conseqüente estranhamento diante da alteridade, expressa na sociedade dos Campos Gerais no período.

Palavras-Chave: Viajantes-Brasil-Paraná; Auguste de Saint-Hilaire; Campos Gerais do Paraná.

ABSTRACT

**Paradise on Earth in Brasil; the *Campos Gerais* of Paraná
as pictured by Auguste de Saint-Hilaire**

The article deals on the ways Auguste de Saint-Hilaire, French voyager, gazed upon the Campos Gerais, as he rode through the region in 1820. The work is based on the semiologic analysis of speech, according to Roland Barthes. This analytical focus is centered at some specific moments in the voyager's vision: nature, the production of material life, with emphasis in cattle raising, characteristic of the region; and the cultural and social dimension of the region in its different aspects (cities, buildings, people, art, etc.). The *Campos Gerais* are privileged in this approach because they were, to Saint-Hilaire, a qualitatively superior dimension, as compared to other regions of the country seen by him, even when he is mostly stranged an enchanted by the region. The comparison between the scientific strictness and neutrality of the botanic and the enchantment of the man run through this work. The analysis is made on a speech founded in the European standard of values, which defines absolute truth and the consequent distance and awe in face of the difference of the society in the *Campos Gerais* at the time.

Key-words: Voyagers-Brazil-Paraná; Auguste de Saint-Hilaire; Campos Gerais of Paraná.